

Prefácio

Edward McRae

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MCRAE, E. Prefácio. In: ALVES, Y.D.D. *Jamais fomos zumbis: contexto social e craqueiros na cidade de São Paulo* [online]. Salvador: Edufba: Cetad, 2017, pp. 15-20. Drogas: clínica e cultura collection. ISBN: 978-85-232-1859-1. <https://doi.org/10.7476/9788523218591.0001>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

PREFÁCIO

Foi com grande prazer e sentimento de honra que recebi o convite para prefaciá-lo este livro do meu amigo e antigo orientando, Ygor Delgado Alves. Nosso encontro original deu-se já há muito tempo, quando ele gentilmente me deu acesso à sua dissertação de mestrado sobre o uso tradicional e medicinal da maconha que havia detectado no interior potiguar. Achei muito interessante o trabalho, mas depois passamos um longo tempo sem nos contatar até ele se apresentar como candidato a uma vaga no doutorado em antropologia na Universidade Federal da Bahia (UFBA), com um projeto sobre usuários de crack. Após eu ter sido designado como seu orientador, passamos a conversar sobre as possíveis abordagens do tema. Ele logo deixou claro seu desejo de se afastar do ponto de vista dos serviços que atendem essa população, tradicional nesse tipo de pesquisa, por ser uma forma mais fácil e segura de ter acesso a essa população. Ygor pretendia focar em outro tipo de consumidor, além da usual clientela desses serviços, quase inevitavelmente composto dos casos mais patológicos e disfuncionais, estudados geralmente de maneira descontextualizada da “cultura de uso”. Ele considerava importante levar em conta outros tipos de usos e usuários, para evitar que os resultados fossem enviesados. Também defendia a necessidade de se ter um conhecimento da sua sociabilidade e do funcionamento dos diversos agentes envolvidos, inclusive os não humanos. Desde o início, ele tinha plena consciência de que os resultados do uso de substâncias psicoativas dependeriam de uma variada série de fatores e, devido ao seu treino como cientista social, ele se via mais preparado para abordar os aspectos socioculturais da questão, sem deixar de dar importância a fatores mais subjetivos ou fisiológicos.

Pensamos em dirigir o estudo a outros grupos, como o de usuários de classe média, por exemplo. Lá, talvez fosse possível observar diferenças relevantes nas práticas e consequências envolvendo o uso de crack em meios socialmente integrados, onde ele talvez se revestisse de outras conotações sociais e simbólicas, diferentes das correntes entre moradores de rua e demais grupos socialmente excluídos. Para fugir do viés institucional, Ygor pensou em começar a partir de sua própria rede de amizades ou contatos, o que o levou a desenterrar uma série de antigas vivências de quando ele mesmo havia tido problemas devidos uma relação danosa com psicoativos. Sua opção foi a de assumir em campo a identidade de ex-usuário problemático de drogas, que não deixava de ser verdadeira, embora há muito houvesse superado aquela condição. Confesso ter ficado preocupado, pensando como ele estaria se expondo a novos riscos que poderiam levar a uma retomada de suas antigas relações descontroladas e prejudiciais com substâncias psicoativas. Porém, a qualidade de sua adesão ao curso de pós-graduação e à disciplina mental e acadêmica exigida, logo me aliviaram e pude acompanhar mais tranquilamente as suas vivências na Cracolândia, localizada no centro da cidade de São Paulo. Não deixei, porém, de apreciar a sua coragem ao se apresentar como usuário de psicoativos ilícitos ao público acadêmico ou leitor. Seguiu o caminho recentemente trilhado por outro pesquisador sério e destemido, Maurício Fiore, que também não hesitou em relatar na sua tese seus usos de drogas ilícitas, incluindo o crack. (FIORE, 2013) Senti uma benfazeja mudança de clima e acreditava perceber as primeiras rachaduras no muro de silêncio que se construiu em torno da questão das drogas.

Acredito que a ousadia de Ygor, nesse sentido, sirva para desmistificar a aura demoníaca e irresistível que tende a ser atribuída ao crack, permitindo que ela também seja pensada a partir de paradigmas mais complexos e que não se resumam aos seus efeitos farmacológicos, supostamente geradores de uma irresistível dependência entre seus usuários. O autor nos fornece

também um bem argumentado exemplo de como o antropólogo, realizando pesquisa sobre usuários de psicoativos, pode torná-la mais completa e profunda ao adotar técnicas de observação participante que não deixem de incluir o próprio compartilhamento das substâncias usadas pelos seus interlocutores.

Nas cenas de uso do centro da capital paulista, frequentemente vista com temor exagerado por alguns outros pesquisadores, Ygor conseguiu realizar uma boa entrada em campo, graças à um interlocutor inicial seu, de classe média, que o apresentou às pessoas certas da Cracolândia. Assim, mesmo voltando a um estudo do uso do crack entre pessoas provenientes principalmente das camadas mais desprivilegiadas, sua abordagem seria diferente das usuais, já que adotaria o ponto de vista do usuário e não o do técnico de serviços públicos ou privados. Assim, sua estratégia de pesquisa incluiu o uso ocasional de crack e ele não se furtou de frequentar lugares de venda e consumo da droga para embasar seu estudo. Pôde, assim, trazer uma rica descrição do funcionamento das “biqueiras” do centro de São Paulo, da produção dos cachimbos, de outros artefatos mediadores do consumo da droga e de projetos sociais como o Programa De Braços Abertos (DBA), coordenado pela Prefeitura de São Paulo, e os treinos e campeonatos de futebol realizados entre os frequentadores da Cracolândia.

O resultado foi uma observação participante raramente encontrada neste tipo de pesquisa, devido à toda sorte de dificuldades que apresenta, inclusive a do pesquisador ser visto como traficante pelas autoridades policiais. Desvendou-se então uma cena muito mais diversa do que a normalmente apresentada e os frequentadores e usuários de crack da Cracolândia paulistana puderam ser vistos de uma forma mais nuançada, onde sua humanidade não era completamente subsumida pelas suas práticas de uso. Esse caminho já havia começado a ser percorrido por minha amiga e atual orientanda, Luana Malheiro, em sua brilhante pesquisa de conclusão de curso de graduação, sobre o uso de crack no Centro Histórico de Salvador e que

Ygor cita bastante em seu trabalho. (MALHEIRO, 2013) A partir de um enfoque que privilegiava categorias nativas encontradas em campo, ela também foi capaz de trazer uma série de novas e frutíferas ideias para a discussão. Agora, com sua pesquisa de doutorado, Ygor pode levar mais adiante as questões levantadas por ela, mas mantém a ênfase de Luana na maneira como os componentes do mundo das drogas são múltiplos e fazem diferentes sentidos para os usuários e demais frequentadores da região. A partir desses dois autores, podemos perceber como a vida do usuário de crack não se resume a uma busca única e obsessiva, impelida inexoravelmente pela “fissura” da droga.

Em seu estudo, Ygor desmistifica alguns dos supostos perigos do trabalho de campo junto a essa população, que se mostrou a ele menos perigosa e ameaçadora do que costuma ser apresentado em muitos estudos. Ele pode até falar do prazer de estar na companhia desse público, enquanto outros, com menos familiaridade com essa população, enfatizam a mais a sua suposta abjeção, talvez refletindo o seu próprio estranhamento perante maneiras de viver tão diversas das suas. Esse olhar, francamente positivo, seria aplicável a qualquer agrupamento humano, onde a tristeza e a felicidade se manifestam de maneiras imprevisíveis, mas raramente o havia visto dirigido à população de usuários de crack. Acredito que esta tenha sido uma das principais contribuições do Ygor ao estudo e ao atendimento desses sujeitos.

Ao mudar o enfoque costumeiro, a narrativa produzida por Ygor sobre usuários e usos de crack em áreas centrais de São Paulo, busca entender as origens da fortíssima estigmatização sofrida por eles e as razões do medo que inspiram no público em geral, apesar de comporem um dos setores mais fracos e perseguidos da população. Afinal, são eles, os que são constantemente sujeitos a inúmeras ameaças à sua integridade física e moral, chegando frequentemente a enfrentar perigo de morte. Para tanto, trata do fenômeno no contexto do pânico

moral, gerado em torno do usuário e propagado por “empresários morais”, como diz Becker. Estes incluem os integrantes do que o saudoso Richard Bucher chamava de “máfia antidrogas”, aqueles que lucram com as políticas proibicionistas e repressivas. (BUCHER, 1996, p. 59) O chamado “pânico moral” é geralmente promovido por meios de comunicação e outros importantes formadores de opinião que costumam transmitir visões exageradas e simplificadas de determinadas práticas de grupos sociais já sujeitos a discriminação de vários tipos. Fortes campanhas midiáticas vêm difundindo nos últimos anos sentimentos de medo e rejeição em relação aos usuários de crack, criando um clima emocional que atualmente permite e até fomenta, a implementação de políticas públicas de repressão e encarceramento. No bojo destas, criou-se um mercado voltado ao sequestro e aprisionamento em clínicas de tratamento para usuários provenientes da classe média. Para os mais pobres, criaram-se locais de confinamento em instituições filantrópicas e precárias, geralmente de orientação religiosa, desprovidas de base científica para suas técnicas e onde a ordem é, muitas vezes, mantida de maneira extremamente autoritária e violenta. São verdadeiros depósitos humanos, pouco diferindo dos antigos manicômios. Apesar de seus aspectos retrógrados e claramente higienistas, políticos conservadores e órgãos públicos sob sua influência têm reservado importantes verbas para essas autodesignadas “comunidades terapêuticas”, desviando recursos que por lei deveriam ser reservadas para instituições laicas, mais inclusivas e de eficácia comprovada.

Em sua descrição do campo, Ygor nos apresenta um cuidadoso retrato da cultura de uso, com sua terminologia específica, de seu cotidiano e dos diferentes papéis sociais desempenhados em seu seio, assim como dos sentimentos pessoais dos sujeitos envolvidos. Estes dados são analisados a partir das obras pioneiras de Howard Becker, Norman Zinberg e Jean-Paul Grund sobre os controles sociais formais e in-

formais que incidem sobre o uso de drogas, permitindo uma melhor compreensão da importância do contexto social sobre o padrão intenso de uso encontrado. A análise do Programa DBA e dos times de futebol, constituídos em sua maioria, por usuários, mostra, por exemplo, como a alteração do contexto social é capaz de produzir grandes mudanças no relacionamento do usuário com a substância.

Como o introdutor no Brasil de parte dessas referências para o entendimento das maneiras como a questão das drogas se coloca entre nós, fico especialmente satisfeito com as opções teóricas e metodológicas adotadas neste livro e pelo aporte importante que traz à rediscussão do valor dessas concepções. No presente livro, Ygor desmistifica a suposta dificuldade de conciliar a abordagem de Becker e seus seguidores com as visões de Bruno Latour, muito em voga atualmente. Estabelece um profícuo diálogo com elas ao mesmo tempo em que também mapeia práticas e identidades encontradas entre usuários e traz importantes aportes para os debates sobre as políticas públicas voltadas a essa população. Nesse sentido, Ygor chama atenção para a amizade pessoal existente entre os dois pesquisadores, que alguns críticos gostariam de conceber como opositores radicais, e ressalta também suas afinidades intelectuais.

A abordagem de Ygor não pretende apenas versar sobre todos os fenômenos do uso de substâncias psicoativas de uma explicação cultural exclusivista, reconhece-se a sua natureza multifacetada, em que fatores de toda ordem interagem constantemente e de maneira intensa. Opta-se, porém, pelos métodos já desenvolvidos pelas disciplinas das ciências sociais e adequadas à uma compreensão que seja útil para o desenvolvimento de ideias que politizam a questão e eventualmente possam vir a subsidiar políticas públicas mais condizentes com a realidade. Entende-se que as políticas públicas não contemplam inteiramente a questão, que requerem uma abordagem multidisciplinar e não pode prescindir do conhecimento das

ciências biológicas ou psicológicas, em todas as suas vertentes. Assim, sem a pretensão de produzir uma concepção exclusiva e final do seu tema, Ygor opta por se manter dentro dos limites de sua disciplina e metodologia. Dessa forma, além de se orientar por concepções e categorias latourianas, ele não hesita em adotar também outras categorias, bastante referenciadas e correntes na literatura antropológica, como “cultura do uso de drogas”, “identidade”, “ritual”, “communitas”, “carreira desviante”, “estilo de vida”, “subcultura da droga”, que lhe são úteis em discutir aspectos das práticas políticas ou assistenciais voltadas para essa população.

O estudo é bom e há os que pedem ainda mais. Gostariam, por exemplo, de ver mais aprofundadas as discussões sobre temas como a relação dos frequentadores da Cracolândia com o tráfico de drogas, com as grandes organizações criminais como o Primeiro Comando da Capital (PCC) e com outros membros da população de rua. A estes, devemos lembrar as restrições temporais e financeiras de uma pesquisa de doutorado, como esta foi em sua origem. Acredito que Ygor cumpriu muito bem o objetivo principal a que se propôs, que era examinar as dinâmicas da Cracolândia e as práticas que se desenvolvem aí em torno do consumo de substâncias psicoativas. A importância desse objetivo é dada pela situação ainda reinante onde se encontra muito mais fantasia do que conhecimento consistente sobre o tema. Talvez a maior contribuição deste trabalho seja justamente a sua desmistificação desse universo e a sua humanização dos personagens envolvidos, mostrados aqui de maneira mais tridimensional do que o costume. Sem dúvida, o autor foi muito feliz em produzir o que considero como a mais completa, corajosa e iluminadora etnografia já produzida sobre uma Cracolândia brasileira.

Edward McRae